

Investigações iniciais sobre geografia fenomenológica¹

Early investigations about phenomenological geography

Rafael Bastos Ferreira

Doutorando pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA)

UFPA

rafaelbastos@ufpa.br

Resumo

Neste artigo proponho iniciar uma investigação sobre a chamada “geografia fenomenológica” cunhada pela tradição humanista na geografia. Embora não tenha sido sistematicamente formulada – em toda sua complexidade e dificuldades – sem dúvida, nos foi deixado elementos suficientes para um exame crítico/analítico acerca da sua tímida tematização. Este trabalho terá como fundamento as teses formuladas por Lafaille (1986), especialmente em, *La géographie phénoménologique et la tentation transcendantale*, objetivando problematizar o que foi e propôs a anunciada geografia fenomenológica erguida pela tradição. É necessário advertir de antemão de que o objetivo deste artigo não tem pretensões de examinar os trabalhos atuais que promovem um aprofundamento fenomenológico na geografia ou mesmo a recente geografia fenomenológica brasileira.

Palavras-chave: Edmund Husserl, Fenomenologia, Geografia humanista, Geografia fenomenológica.

Abstract

In this article I propose to start an investigation about the so-called “phenomenological geography” coined by the humanist tradition in geography. Although it has not been systematically formulated - in all its complexity and difficulties - undoubtedly enough has been left to us for a critical/analytical examination of its timid thematization. This work will be based on the theses formulated by Lafaille, especially in “*La géographie phénoménologique et la tentation transcendantale*”, aiming to problematize what was and proposed the announced phenomenological geography erected by tradition. It is necessary to warn in advance that the objective of this article does not have pretensions to examine the current works that promote a phenomenological deepening in geography or even the recent Brazilian phenomenological geography.

Keywords: Edmund Husserl, Phenomenology, Humanistic geography, Phenomenological geography.

¹ Este artigo é uma versão ampliada do texto apresentado no “Colóquio Geografia humanista e pesquisa: desafios e aberturas”. A mesa ocorreu no IX Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural nos dias 30 e 31 de agosto 2018, no Instituto de Geociência da Universidade Federal de Minas Gerais.

Introdução

A “geografia fenomenológica”, antes esboçada timidamente pela tradição humanista, recebe neste artigo uma atenção especial – embora com apontamentos iniciais que posteriormente servirão de base para o desenvolvimento de todo o um fundamento por vir. Também se adverte que o leitor não encontrar aqui uma descrição profunda sobre a importância da geografia humanista, uma vez, este estudo já tenha sido realizado em toda a sua riqueza (HOLZER, 1992, 1996, 2016). Tão pouco objetiva-se avaliar qualquer trabalho em particular. Um olhar para o que já foi feito, no que tange compreender a relação entre geografia humanista e fenomenologia é, então, a tarefa que se deseja iniciar. Já propus em alguns textos uma aproximação sobre os horizontes de uma geografia fenomenológica, embora eu entenda que eles ainda se encontram dispersos e sem uma sistemática clara (FERREIRA, 2015, 2016, 2017).

De antemão é preciso fazer uma ponderação: retiro-me da condição de geógrafo para pensar a fenomenologia na geografia: meus artigos supracitados ainda se encontram neste movimento. O percurso daqui por diante fará uma via oposta: a filosofia (fenomenologia) pensando a geografia. Certamente, nesta mudança de direcionamento há questões importantes a serem discutidas. Sem maiores problematizações, apresento dois argumentos básicos: (1) retira-se da posição de geógrafo, entendo, que a possibilidade da condição do julgar e do compreender; (2) além mais do mais, me proporciona olhar a fenomenologia não presa a uma circunstância, mas em sua própria fundamentação. Em geral, ressalto que poucos filósofos se dedicaram a compreender os problemas da ciência geográfica. Victor Kraft (1929), por exemplo, é um caso particular: *Die Geographie als Wissenschaft*.

A seguir apresente algumas questões problemáticas no que tange pensar a orientação fenomenológica na geografia. Seja pela tematização do mundo-da-vida (*Lebenswelt*), pela busca às coisas mesmas (*Zu den Sachen selbst*), geógrafos humanistas promoveram no final do século XX (e ainda hoje) um campo de estudo da qual a fenomenologia se mostraria como fundamento importante para o conhecimento geográfico. No entanto, não é de se estranhar que estudantes de geografia (e não somente estes) fazem

uma pergunta recorrente: o qual é o papel da fenomenologia na geografia? Uma abordagem? Um método? Uma reflexão crítica? Um fundamento? Abaixo ofereço algumas suposições acerca de tais características supracitadas.

1. **ABORDAGEM:** Neste caso, trata-se de compreendê-la como um utensílio (não em sentido pejorativo), algo que visa lidar de modo diferente algum problema ou assunto. Por exemplo, o conceito de espaço em sua dimensão vivida e existencial.

2. **REFLEXÃO CRÍTICA:** é a ideia de que a fenomenologia limita-se a uma ferramenta essencial de crítica ao naturalismo, objetivismo e, sobretudo, ao (neo)positivismo. Para autores como Johnson (1983), Entrikin (1976) e Ferreira (2016) este interesse predominou na tradição.

3. **FUNDAMENTO:** crê-se na possibilidade da fenomenologia de renovar e reorientar a teoria do conhecimento na geografia: conceitos, métodos e objetos. Desse modo, o conhecimento não se abasteceria, conforme passou a considerar o objetivismo científico, da *episteme* para a *doxa*. Ao contrário, o humanismo fenomenológico na geografia retorna à experiência dos sujeitos e dos atos vividos objetivando reelaborar todo o saber, seja ele político, linguístico, artístico ou cultural. Portanto, é um retorno ao mundo-da-vida (*Lebenswelt*), ou costumeiramente chamado pelos geógrafos anglo-saxônicos, de *lifeworld*.

4. **MÉTODO:** é a tentativa de conduzir a fenomenologia a partir de um método de descoberta empírica. O artigo irá se dedicar a este interesse, concordando com Lafaille (1986) de que a orientação fenomenológica na geografia ficou restrita a um mero método, porém não enquanto atitude filosófica (ou fenomenológica [*phänomenologische Einstellung*]), mas de uma postura voltada para a atitude natural (*natürliche Einstellung*).

Não obstante, Pickles (1985) em sua obra, *Phenomenology, Science, and Geography*, ao trazer a preocupação sobre o que constitui uma ciência humana, interroga se é possível uma ciência verdadeiramente humana na geografia. Dentre outros aportes e se dedicando ao problema da espacialidade, o autor reflete, especialmente, sobre o papel da fenomenologia em tais investigações. Porém, não se objetiva entrar nesta discussão – discussões acerca de uma espacialidade fenomenológica –, mas resumidamente, como a fenomenologia passou a ser interpretada por alguns geógrafos da tradição humanista. De

acordo com o autor a base fenomenológica na geografia assumiu várias formas de expressão: “fundamentos fenomenológicos” e “experiência imediata” (Relph); “consciência geográfica” (Van Paassen); “experiência geográfica” (Dardel); “geografias pessoais” (Lowenthal); “mundo vivido” (Buttimer). Em geral, a tarefa desses geógrafos teria como meta comum investigar a experiência geográfica (PICKLES, 1985). Embora uma geografia fenomenológica tenha sido anunciada, com razão e em detrimento de um objetivo comum, os problemas em torno de sua fundamentação não ganharam interesse de tais geógrafos. Talvez, esta carência tenha gerado uma via contrária: emergindo um horizonte confuso. No entanto, entendo que não eram essas as pretensões daqueles geógrafos a constituição de uma geografia fenomenológica – não se trata de um mero julgar.

O que se deseja defender é a necessidade de uma retomada mais rigorosa acerca do que se pode pensar de uma geografia fenomenológica, uma vez, que se entende que os primeiros passos já foram iniciados pela tradição. Portanto, se considera que há problemas fundamentais que ainda permanecem. Porém, com o entendimento de que a tradição humanista nos deixou elementos suficientes para uma retomada de um modo novo e autêntico acerca das possibilidades de uma geografia fenomenológica. Dessa forma, por em claridade, a partir de um recomeço, não seria negligenciar a existência de uma geografia fenomenológica em curso. É importante pontuar que não se pode afirmar da existência de uma geografia fenomenológica na tradição (consolidada): apenas elementos e o eclodir de uma crítica. Por exemplo, Eric Dardel (2011) fora quem melhor nos apresentou uma geografia fenomenológica ou pelo menos devemos considerá-lo como o pioneiro.

A motivação deste texto, como já dito, não é uma avaliação da atual geografia fenomenológica em curso, ao contrário, se julga necessário um retorno a certos temas entendidos inacabados ou mal resolvidos. Acredito em certas dificuldades que persistem até os dias atuais – em se tratando da orientação fenomenológica na geografia – em detrimento de uma limitada utilização desta. Compreendo: as dificuldades aparentes na tradição ainda devem ser consideradas como desafios para a atual geografia fenomenológica. Após chegar a este juízo, entendo que há lacunas que ainda persistem e se configuram como uma tarefa para a atual geografia fenomenológica. Portanto, partirei da

seguinte interrogação: **que é fenomenologia para a geografia humanista?** É preciso lembrar novamente que esta pergunta remete à tradição que emerge nos anos de 1960 a 1980. Esta localização histórica é necessária pois as ponderações se destinam a um “movimento” específico e não tem nenhum caráter generalista ou universal. Ao referenciar a geografia humanista se quer deixar que o interesse direciona-se aos estudos dedicados às investigações fenomenológicas ou que buscaram na fenomenologia um aporte. Portanto, o objetivo essencial não é si delinear os fundamentos de uma geografia fenomenológica, mas tão somente, pontuar problemas em torno do uso da fenomenologia na geografia a partir de um olhar para a tradição: este seria o primeiro passo.

Divido a apresentação deste artigo em dois momentos: em primeiro lugar, farei uma breve descrição sobre a importância do advento da geografia humanista e de que modo a fenomenologia contribuiu para pensar e compreender esta ciência. Ainda neste contexto, veremos melhor de que maneira ela fora utilizada. Na segunda seção, se tentará mostrar de que a orientação fenomenológica perdeu sua potência em detrimento de um interesse pragmático-científico. Além do mais, buscando apresentar o quanto este interesse acarretou em outros problemas tornando o uso da fenomenologia pouco sistemática e confusa. O artigo estará dialogando com as teses de Lafaille (1986) em, “*La Geographie Phenomenologique et la Tentation Transcendentale*”, acerca de uma crítica do uso da fenomenologia na geografia pela tradição humanista.

Geografia humanista e a tradição de uma geografia fenomenológica

A tradição da geografia humanista motivou os corações dos geógrafos; invadiu o corpo e o lançou em uma vida de espírito livre, desbravador e encorajador. Nela e por ela o geógrafo “se fez” poeta, literário, artista, humanista, filósofo. A geografia humanista abriu as consciências para o mundo, enraizou o homem no solo constitutivo da Terra: esta agora como Arca, como Morada. Este geógrafo buscou ir além do mundo representativo para alcançar seu ser perceptivo, significativo, intuitivo, e melhor, reencontrar e reconhecer a presença do Outro. Em bases fenomenológicas alcançou não somente a sua subjetividade, mas os laços sociais que fundam a sua própria vida ética e política. Portanto, a geografia

humanista é também crítica e histórica porque está mergulhada no próprio solo antepredicativo do mundo-da-vida.

Ambos, o geógrafo humanista e o sujeito do cotidiano, deixam de se encontrar na fronteira rígida e normativa que preside a relação entre a *episteme* e a *doxa*. Para ele há um lugar fundante: o mundo-da-vida. Neste se desdobra a experiência sensível e intuitiva e, assim sendo, as coisas mundanas deixam de ser meras percepções externas ou causais: por exemplo, não se trata de falar ou explicar o rio, ao contrário, o dizer sobre ele versa sobre “encontra-se com ele”. Os estudos de Geopoética do rio de Lúcia Helena Gratão (2007) nos trazem esta revelação e, mais recentemente, Bernal Arias (2015) ergue a importância de pensarmos as hidropoéticas no habitar contemporâneo.

Uma geografia íntima une a vida de consciência mundana à sua experiência factual geográfica com a Terra. Com efeito, o geógrafo humanista deixou de se contentar com as leis naturalistas e objetivistas para descortinar o que rege o nosso contato e conhecimento com o mundo: as vivências e experiências. O que passou a importar é o corpo-no-mundo, a experiência dos sujeitos falantes e, desse modo, não haveria um mundo geográfico *a priori* (pré-definido) a ser explicado, e sim, um mundo apreendido geograficamente. Sabendo disso, o geógrafo humanista descarta uma dupla suposição: o ser geográfico não reside fora do homem, como algo externo e distante, e tão pouco se encontraria na subjetividade pura do pesquisador.

A fenomenologia, portanto, ensinou o geógrafo humanista uma outra leitura do mundo e do fenômeno geográfico. O mundo deixou de ser o lugar que comporta os objetos, como se fosse um quarto amontoados de coisas, esperando para serem arrumadas e organizadas, tal como, em compartimentos. Assim pensa o cientista objetivista: ele quer arrumar o mundo, nomear as gavetas. Não obstante, o geógrafo viu a necessidade de categorias na geografia: espaço, lugar, paisagem, região. O desejo de fragmentação do mundo circundante revela essencialmente a tentativa de nos aprisionar em leis seja ela naturalista ou historicista. O primeiro é regido sob as bases matemáticas e geométricas; no segundo caso, o historicismo responde por um método que lhes façam entender determinadas espacialidades e temporalidades sociais, especialmente, pela via econômica e política – a condição histórica, conforme apontou Popper (POPPER, 1980).

No entanto, é preciso ponderar: estou de acordo Marandola Jr., (2013): “[...] nem toda geografia humanista é fenomenológica.” (MARANDOLA JR, 2013, p. 50). Porém, se percebe que nesta pequena descrição uma multiplicidade de ideias e potentes se revelam. O que quero dizer: parte do humanismo na geografia se deve à fenomenologia, seja ela Husserliana, Heideggeriana, Pontyana, Bachelariana. Amorim Filho (1999) nos traz mais informações acerca dos fundamentos epistemológicos da geografia humanista. Citamos algumas: Axiologia, Behaviorismo, Estética, Existencialismo, Idealismo, Teoria da percepção, Semiologia e a própria fenomenologia. Diante dessas ricas orientações, caminhos e encontros, é impossível falar que a geografia humanista é um mero campo, algo fechado ou com doutrinas. Ela se faz, ontologicamente, na abertura e em desafios.

Vamos relembrar, resumidamente, o que é fenomenologia? A fenomenologia é a ciência universal das essências, diz Husserl (1989) em “*Die Idee der Phänomenologie*” (A ideia da fenomenologia). Como método – em seu sentido mais lato e fenomenológico – ela é o caminho para... ou usando o termo heideggeriano, é um estar a caminho. Em “*Mein Weg in die Phänomenologie*” (O meu caminho na fenomenologia), Heidegger (2009, p. 13) nos oferece um belo ótimo: “[...] a Fenomenologia, naquilo que lhe é mais próprio, não é de todo uma tendência. Ela é a possibilidade do pensar, que, indo-se transformando com os tempos, e só por isso, permanece como tal, para corresponder à exigência daquilo que há que pensar-se”. Certamente, dela não se pode esperar pressupostos explicativos, e tão pouco, juízos *a priori* sustentados sob a fórmula de que sujeito e predicado se ligam de forma direta e automática.

A fenomenologia, tão logo, não é uma doutrina e nem disciplina (no sentido tradicional do termo). Antes disso, se apresenta como uma atitude, uma orientação e uma maneira de ser que consiste em suspender o julgamento de tudo que adquirimos no mundo da *doxa*: normas e representações. A *epoché* (por entre parenteses) é apenas uma suspensão de compromisso ontológico para a depuração do significado do mundo e a correta compreensão da ciência “positiva”. Não é uma crítica à ciência empírica como tal, ao contrário, é a tentativa de restaurar ou reestabelecer o que fora perdido pelo interesse objetivo. Sartre (1947) em seu artigo “*Une idée fondamentale de la phénoménologie de Husserl*”, nos oferece um pequeno relato da novidade da fenomenologia husserliana.

Husserl a réinstallé l'horreur et le charme dans les choses. Il nous a restitué le monde des artistes et des prophètes: effrayant, hostile, dangereux, avec des havres de grâce et d'amour. Il a fait la place nette pour un nouveau traité des passions qui s'inspirerait de cette vérité si simple et si profondément méconnue par nos raffinés [...] (SARTRE, 1947, p. 32)².

Após esta clarificação – sobre a ideia da fenomenologia – pontuarei a partir de Lafaille (1986), a importância e o papel da fenomenologia na tradição da geografia humanista. Já dito, os geógrafos humanistas se interessaram em construir um contraponto ao naturalismo e ao psicologismo científico. Parece-nos claro de que a orientação fenomenológica na geografia tinha como meta uma postura crítica. Entrikin (1976) afirma este posicionamento e lembra que a tradição não pretendeu ir além. Holzer (1998) entende que estes geógrafos conduziram a fenomenologia como um método de pesquisa limitando-se às formas de um procedimento e ao seu uso parcial. Porém, a via problemática se deve à sua utilização como um método de descoberta empírica (LAFAILLE, 1986). Porém, antes de circunscrever melhor esta questão uma pergunta é inevitável: por que os geógrafos humanistas do século XX não avançaram na construção de uma geografia fenomenológica? Em vez de limitá-la como mais uma corrente, dentre outras, por que não fazer dela o próprio fundamento geográfico?

Para Marandola Jr. (2013) ela “[...] nem chega a ser claramente esboçada” (MARANDOLA JR, 2013, p. 52), porém, como já se pontuou, não eram essas as pretensões daqueles geógrafos a constituição de uma geografia fenomenológica. Será este mesmo o motivo principal? Há mais um elemento: estou de acordo que tematizar a fenomenologia transcendental de Husserl à prática científica pareceu uma tarefa bem complicada e, portanto, se restringindo em grande parte a uma crítica do positivismo. Tim Unwin (1995), em *“The Place of Geography”*, reforça essa dificuldade:

² Tradução livre: “Husserl reinstalou o horror e o charme nas coisas. Ele nos restituiu o mundo dos artistas e dos profetas: assustador, hostil, perigoso, como paraísos de graça e amor. Ele tornou o lugar claro para um novo tratado sobre as paixões inspiradas por essas verdades tão simples e tão profundamente mal entendida per nós refinados”.

Existe una diferencia esencial entre las intenciones contemplativas de esta filosofía trascendental y las preocupaciones prácticas de una ciencia social, de forma que no debe sorprendernos que los geógrafos hayan adoptado el proyecto de Husserl em aquellos puntos destinados a destruir el positivismo como filosofía, más que a construir una geografía fenomenológica sólida (UNWIN, 1995, p. 206)³.

Portanto, de forma positiva, nos deixaram elementos suficientes para uma retomada de modo novo e autêntico. É preciso ponderar de que o humanismo fenomenológico não aparece como uma conspiração à ciência. Para Lafaille (1988), tais geógrafos propuseram não apenas uma reorientação dos métodos e teorias da geografia humana, mas também um desdobramento diferente de seus objetos de estudo, sua sensibilidade e linguagem: a busca de restaurar o rigor científico da geografia visando recolocar a natureza filosófica. Assim, para o autor, objetivando suprir as lacunas deixadas pelo positivismo lógico e, por outro lado, a religação entre a geografia e outras humanidades tornou possível a chegada de novos temas: a arte, a imaginação, a literatura, etc.

Tão logo, a tradição humanista na geografia se propôs abraçar os ideais da cientificidade de rigor – nada distante dos pressupostos tradicionais da fenomenologia – evitando as armadilhas de uma sistematização naturalista que encampou, por exemplo, na psicologia do final do século XIX. Alicerçada em um conjunto de programas fenomenológicos (existencialista, eidética, hermenêutica), passou a entender como princípio de que o mundo não pode ser entendido independentemente do homem e de sua subjetividade. Diz Lafaille (1988, p. 33, tradução nossa): “as emoções, sentimentos, preocupações e apegos que ligam indivíduos, grupos e pessoas a espaços ou lugares seriam essenciais para a compreensão geográfica”. O autor pontua de que os significados subjetivos associados a uma rua, por exemplo, passariam a constituir elementos fundamentais da investigação geográfica. Por este motivo que os conceitos de lugar e espaço vivido se fizeram tão fortes nos estudos do geógrafo humanista.

Por fim, a orientação fenomenológica insere na geografia humanista novos horizontes de estudos, porém, ao limitá-la como procedimento gerou alguns conflitos e

³ Tradução livre: “Há uma diferença essencial entre as intenções contemplativas dessa filosofia transcendental e as preocupações práticas de uma ciência social, de modo que não devemos nos surpreender que os geógrafos tenham adotado o projeto de Husserl naqueles pontos destinados a destruir o positivismo como filosofia, em vez de construir uma geografia fenomenológica sólida”.

confusões. A linha argumentativa que iniciarei visa pensar para além do mero papel de anexo da orientação fenomenológica. O que isso significa? Condicionar ou determinar a fenomenologia, perdemos o que mais há de potência em seus ensinamentos, especialmente, aqueles apresentados por Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty.

Crítica fenomenológica à tradição da geografia fenomenológica

Na sua generalidade, a ciência geográfica é uma ciência empírica por excelência – segundo uma interpretação husserliniana sobre o conceito de “ciência empírica” e “ciência de fatos”. Mas este não o problema maior: a crítica se efetua quando a fenomenologia passa a obedecer a interesses pragmáticos da ciência. Partido da crítica de Lafaille (1986), conduziu-se a fenomenologia a um mero método de descoberta empírica. Sabemos que no início de seu programa – me refiro a *Prolegomena zur reinen Logik* (Prolegômenos à lógica pura) – a fenomenologia apresentou uma crítica fundamental ao empirismo. Veremos, em síntese, alguns elementos desta discordância. Em primeiro lugar, é preciso deixar claro que o empirismo pode ter um aspecto psicológico, gnosiológico ou metafísico (MORA, 1965). Segundo o autor, no primeiro caso, parte-se do pressuposto de que o conhecimento teria sua origem na experiência e, por seu turno, o empirismo gnosiológico sustentaria de que a validade de todo conhecimento encontra-se na experiência.

Esta é uma informação importante em detrimento dos geógrafos humanistas tradicionais sustentarem de que a experiência seria um tema fundamental para compreender a realidade geográfica a partir dos atos vividos. Porém, erguer o retorno à experiência não dá conta por si só de proclamar uma investigação fenomenológica se a própria experiência se revela uma mera busca do fenômeno empírico: será, talvez, que a tradição tenha recaído sem intenções às armadilhas do empirismo?

Relph (1970, 1979) faz referência ao termo “experiência imediata” para fundamentar a importância de um retorno ao mundo-da-vida. Gomes (1996) lembra que para os geógrafos humanistas a “[...] fonte legítima do conhecimento é a explicação centrada sobre as experiências vividas cotidianamente”. (GOMES, 1996, p. 327). Todavia, para Husserl (2012) o interesse de um retorno à experiência imediata do mundo-da-vida

era essencialmente transcendental e, desse modo, não se tratava da realidade em si mundana. Possivelmente, não eram estes os objetivos dos geógrafos humanistas – uma via transcendental.

Possivelmente, não foi debatido em profundo as dificuldades ou limitações de um traslado da filosofia fenomenológica para a ciência geográfica. Não é novidade que autores como Gomes (1996), Pickles (1985) e Entrikin (1976) encontram sem muitas dificuldades as ambiguidades da orientação fenomenológica na geografia humanista. Se levarmos a cabo a essencialidade da filosofia fenomenologia husserliana, tal como, desejar um retorno às experiências originárias, a redução e *epoché* fenomenológica, voltar às coisas mesmas, tais críticas supracitadas são necessárias.

Não obstante, estes procedimentos, por exemplo, voltar às coisas mesmas, ganharam força nos argumentos desses geógrafos com o interesse de retornar à experiência imediata, posto acima. Se esta confusão existiu, as ponderações de Pickles (1985) são válidas quando entende que certos geógrafos humanista (por exemplo, Relph) confundiram coisa e objeto. Sem entrar muito no mérito, uma vez, que não pretendo analisar obras ou autores específicos, vale trazer esta crítica já anunciada por Husserl (1949) em *Ideen I* (Ideias para uma fenomenologia pura) quando o empirismo pretendeu fundamentar o conhecimento pela experiência: “*El principal error de la argumentación empirista radica en identificar o confundir la fundamental exigencia de un volver a las ‘cosas mismas’ con la exigencia de fundar todo conocimiento en la experiencia*”. (HUSSERL, 1949, p. 48-49). Tem-se o entendimento, segundo Husserl, que para estes (empiristas) o único acesso às coisas mesmas se dá pela via da experiência direta.

Segundo Husserl (1949), a experiência direta nos oferece somente objetos singulares e não universais e, portanto, as possibilidades de um pensar puramente eidético são anuladas. Entendo que não haveria sentido algum suspender a “tese do mundo” se a experiência por si só nos conduzisse “às coisas mesmas” e aos dados originários do mundo-da-vida. Portanto, se os geógrafos humanistas da tradição expõem a importância de “por entre parêntese os juízos” sem realmente efetuar a *epoché* transcendental, caíram em um contrassenso. Nesse sentido, veremos a seguir os problemas decorrentes ao limitar a fenomenologia a um mero método científico e não filosófico.

À mão dos problemas acima colocados, irei expor as teses de Lafaille (1986) em, “*La géographie phénoménologique et la tentation transcendantale*”, que se somam às ponderações realizadas. Neste artigo, o autor reflete sobre os ideais de uma geografia fenomenológica, propondo investigar o que o transcendentalismo pode almejar nesta ciência. Além do mais, examinando mais profundamente o *status* do sujeito transcendental, já que é apenas sobre a natureza desse assunto que, em grande parte, a geografia fenomenológica se recusou a refletir (LAFAILLE, 1986).

A) O problema de uma ontologia na geografia

Lafaille (1986) entende – seguindo o rigor da tradição fenomenológica husserliana – que todo conhecimento empírico assume uma definição ontológica prévia de seu campo. Em outras palavras: para cada ciência ou região empírica existe uma ontologia regional que dá a esta ciência sua base teórica e contexto de significado. Lembro que estes ideais se encontram em Husserl (1949), especialmente, nos parágrafos § 7 e § 8. A inadequação de uma determinação ontológica, isto é, a negação deste quadro formal *a priori* torna uma prática empírica sem fundamento. Para o autor, a ausência deste procedimento teórico transforma uma ciência empírica em um empreendimento técnico fundamentalmente irracional. Para evitar que a geografia não permaneça neste quadro de ingenuidade, Lafaille (1986) entende de que é necessário definir na ontologia moderna as determinações que dão origem a ela. Por exemplo, é graças a essa definição *a priori* de objetos e conceitos fundamentais que a pesquisa empírica se tornou popular nas ciências naturais e exatas. Para o autor, isso levou ao controle dos fenômenos naturais confirmando a adequação (idealização) da ontologia manipuladora subjacente a eles. Mas o que é idealização? De acordo com Garrison (1986) a idealização é o método pelo qual a razão constrói figuras geométricas puras. Este processo primário que se efetua na razão, dada na experiência subjetiva, encontraria sua própria concordância em outras experiências.

Na geografia humana (e humanista), essa ontologia é exercida mais expressamente em toda a tradição pela análise espacial. No entanto, Lafaille (1986) questiona se essa projeção ontológica é adequada para o espaço humano e, conseqüentemente, para a geografia humana. O autor entende, portanto, que tudo indica

que é essencialmente inadequado. Qual seria a tarefa ou saída a ser realizada nesta questão? Concordo com o autor: determinar a estrutura formal *a priori* (transcendental) resultante da essência desse espaço. Esta é uma tarefa a ser realizada. Penso que a geografia humanista atual, em geral, não teria tais pretensões em detrimento de sua pluralidade teórica e, portanto, ficando a cabo de uma geografia fenomenológica.

B) O problema de uma psicologização

Fazendo referências ao artigo de Ley (“*Social Geography and the Taken-for-granted World*”) Lafaille (1986) ergue que a geografia fenomenológica operou uma psicologização furtiva do conceito de intencionalidade. Em vez de produzir uma superação da dicotomia sujeito-objeto, a interpretação do conceito de intencionalidade pela geografia fenomenológica colocou num subjetivismo que nega o próprio objetivo do conceito. Podemos ver, por exemplo, no texto de Buttimer de 1976 uma pouca fundamentação acerca da importância da intencionalidade para a geografia, ainda que citada.

Estou de acordo com Lafaille (1986) de que esta psicologização é baseada em preconceitos, por exemplo, antropocêntricos que contradizem profundamente qualquer desejo de retornar às próprias coisas. Para o autor, esta interpretação é responsável pelo próprio voluntarismo da fenomenologia que visa uma busca das atitudes e intenções do sujeito psicológico concreto. Porém, o autor entende que esta necessidade termina, quase sempre, em biografias, seja de paisagens ou dos próprios geógrafos.

Assim sendo, esta psicologização encontra-se próxima do psicologismo. Este último é a redução indevida de um determinado fenômeno, no âmbito do conhecimento, à psicologia. Em outras palavras, a redução de algo que não é psicológico ao psicológico. Além do mais, é preciso ponderar que nem toda a psicologia empírica parte do princípio da intencionalidade. Certamente, a fenomenologia não é o estudo da interioridade, mas da correlação entre sujeito e objeto. Penso que a tradição da geografia humanista de base fenomenológica precisaria ter buscado fundamentos *a priori* com fins de revelar sua verdadeira natureza sem recorrer a princípios já estabelecidos.

C) A falta de clareza da redução fenomenológica

Lafaille (1986) entende que há um outro ponto problemático e mais profundo: teria ocorrido uma interpretação equivocada da redução fenomenológica. Me parece claro, de acordo com o autor, que não houve uma compreensão da distância que separa a atitude filosófica da atitude natural e, por esta razão, a tradição não avançou fundamentalmente, isto é, continuou a mover-se apenas dentro da atitude natural. Que implicações isso gerou? Para o autor, a existência do mundo e seu conhecimento não se tornou um problema. Lafaille (1986) e igualmente Pickle (1985) a geografia fenomenológica falhou em fornecer uma explicação da gênese ontológica da atitude teórica. Em outras palavras, ela deixou de questionar as condições de possibilidade de seu próprio dizer. Isso equivaleria em transformar a fenomenologia em algo diferente de um discurso filosófico. Em vez de ser entendida como um método de reflexão filosófica, a fenomenologia identificou-se falsamente com um método de descoberta empírica. Quais os resultados disso, segundo Lafaille?

I. Em primeiro lugar, haveria problemas de validação empírica: já que simplesmente não é nesse nível de análise que a fenomenologia intervém. Por outro lado, teria se ampliado um abismo entre amplas afirmações programáticas e pequenas realizações empíricas em detrimento de compromissos pragmáticos.

II. Em segundo, o caráter subjetivo de uma intenção passou a ser entendida a partir de um sujeito psicológico e, portanto, não de um sujeito transcendental. Somando às dificuldades da verificação empírica resultante do abandono da posição própria do discurso filosófico, conduziu-se a geografia a uma controvérsia sobre o *status* científico da fenomenologia. Certamente, essas controvérsias minaram a credibilidade da fenomenologia, pontua o autor.

Primeiras considerações

Portanto, a fenomenologia enquanto método de reflexão filosófica pode levar, por exemplo, a geografia a arte e a poesia (LAFAILLE, 1988). Por entender que a tradição da geografia humanista teve uma interpretação questionável da fenomenologia, o autor considerou a necessidade e urgência de uma geografia fenomenológica como resgate do próprio rigor científico da fenomenologia.

Por outro lado, requerer a fundamentação da geografia como uma ciência eidética, por exemplo, esboçada por Tommy (2013), teria como condição a investigação do sujeito transcendental. Lembro que o eidético husserliano descreve a estrutura necessária do objeto e, assim, determina as condições de possibilidade de um objeto possível. Para Lafail (1986) é esta a condição das realizações empíricas.

Penso, portanto, que a análise do mundo-da-vida husserliana (*Lebenswelt*) pela via transcendental foi negada pela geografia fenomenológica em detrimento de uma compreensão estritamente sociológica. Lembro que Habermas (2012) no segundo volume do *Agir comunicativo* advertiu sobre a condição determinando de acesso ao mundo-da-vida pela via transcendental. Por fim, deixo claro, que não se trata de erguer uma Geografia Transcendental, mas de criar as condições de possibilidade de sua fundamentação. A tradição de uma geografia fenomenológica pulou esta tarefa, talvez como já pontuamos, em detrimento de um uso limitado da fenomenologia nesta esta tradição. Ela, na atualidade, precisa se libertar e constituir-se de modo autêntico. Assim sendo, a pergunta ainda persiste para nós, isto é, para a atual geografia fenomenológica: Que é fenomenologia para a geografia humanista?

Referências bibliográficas

AMORIM FILHO, Oswaldo B.. A evolução do pensamento geográfico e a fenomenologia. *Sociedade & Natureza*, Uberlândia, n. 21 e 22, p. 67-87, jan./dez. 1999.

BERNAL ARIAS, Diana Alexandra, *A rosa do deserto: hidropoéticas do lugar no habitar contemporâneo*. 120f. 2015 Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências – Campinas, SP.

DARDEL, Eric. *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

ENTRIKIN, J. Nicholas. Contemporary Humanism in Geography, *Annals of the Association of American Geographers*, v. 66, p. 4, p. 615-632, 1976.

FERREIRA, Rafael Bastos. As estruturas do mundo-da-vida e seu significado para a Geografia. Trabalho apresentado no *XI Encontro Nacional da ANPEGE*, Presidente Prudente/SP., 2015.

_____. Husserl, mundo-da-vida e geografia. *Rev. abordagem gestalt*, Goiânia, v. 22, n. 2, p. 119-126, dez. 2016.

_____. Fenomenologia da paisagem: prolegômenos de uma geografia das essências. *Rev. Nufen: Phenom. Interd.* Belém, v. 9, n. 2, p. 63-74, mai./ago., 2017.

GARRISON, James W.. Husserl, Galileo, and the Processes of Idealization. *Synthese*, v. 66, n. 2, p. 329–338, 1986.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. *Geografia e modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

GOTO, Tommy Akira. Fenomenologia, mundo-da-vida e crise das ciências: a necessidade de uma geografia fenomenológica. *Geograficidade*, v. 3, n. 2, p. 33-48, 2013.

GRATÃO, Lúcia Helena Batista. (À) Luz da imaginação! “O Rio” se revela na voz dos personagens do lugar-ARAGUAIA! *Caderno de Geografia*, Belo Horizonte, v. 17, n. 28, p. 89-120, 1º sem., 2007.

HABERMAS, Jürgen. *Teoria do agir comunicativo*. Vol. 2. Tradução de Paulo Astor. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

HOLZER, Werther. *A Geografia Humanista: sua trajetória 1950-1990*. Londrina: EDUEL, 2016.

_____. A Geografia Humanista: uma revisão. *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 8-19, 1996.

HEIDEGGER, Martin. *Meu caminho na fenomenologia*. Tradução Ana Falcato. Covilhã: LusoSofia, 2009.

HUSSERL, Edmund. *A Ideia da Fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, 1989.

_____. *Ideas Relativas a una Fenomenología Pura y una Filosofía Fenomenológica*. Trad. José Gaos. México: Fondo de Cultura Económica, 1949.

_____. *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: uma introdução à filosofia fenomenológica*. São Paulo: Forense Universitária, 2012.

JOHNSON, Louise. (1983). Bracketing lifeworlds: Husserlian phenomenology as geographical Method. *Australian Geographical Studies*, v. 21, n. 1, p. 102-108, 1983.

KRAFT, Victor. Die Geographie als Wissenschaft. In: LAMPE, Felix. (Ed.) *Enzyklopädie der Erdkunde*. Leipzig/Vienna: Franz Deuticke. 1929. p. 1-22.

LAFAILLE, Richard. La géographie phénoménologique et la tentation transcendante. *Canadian Geographer/Le Géographe canadien*, n. 30, p. 277-281, 1986.

_____. *La Géographie et ses marges*. 1988. These du Doctorat. Faculte des Etudes Avancees et de la Recherche. McGill University.

MARANDOLA JR., Eduardo. Fenomenologia e pós-fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer geográfico humanista na geografia contemporânea. *Geograficidade*, v. 3, n. 2, p. 49-64, 2013.

MORA, José Ferrater. *Dicionário de Filosofia – Vol. 1*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1965.

PICKLES, John. *Phenomenology, Science and Geography: spatiality and the human sciences*; Cambridge Human Geography; Cambridge University Press: Cambridge, 1985.

POPPER, Karl. *A miséria do historicismo*. Tradutores de Octany S. da Mota & Leonidas Hegenberg. São Paulo: EDUSP, 1980

RELPH, Edward C.. An inquiry into the relations between phenomenology and geography, *The Canadian Geographer/Le Géographe canadien*, v. 14, n. 3, p. 193–201, set. 1970.

_____. As bases fenomenológicas da Geografia. *Geografia*, Rio Claro, v. 4, n. 7, p. 1-25, 1979.

SARTRE, Jean-Paul. *Situations I: essais critiques*. Paris: Gallimard, 1947.

UNWIN, Tim. *The Place of Geography*. London: Longman, 1992.